

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**ANA BEATRIZ DA SILVA ARAÚJO**

**POR QUE OS PROFESSORES PERMANECEM NA DOCÊNCIA?**

JOÃO PESSOA-PB

2017

**ANA BEATRIZ DA SILVA ARAÚJO**

**POR QUE OS PROFESSORES PERMANECEM NA DOCÊNCIA?**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito final para obtenção de título de graduação em Licenciatura em Pedagogia, sob orientação da Profa. Dra. Elzanir dos Santos.**

**João Pessoa-PB**

**2017**

**A663p Araújo, Ana Beatriz da Silva.**

**Por que os professores permanecem na docência? / Ana Beatriz da  
Silva Araújo. – João Pessoa: UFPB, 2017.  
41f.**

**Orientadora: Elzanir dos Santos  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) –  
Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação**

**1. Docência. 2. Identidade 3. Permanência. I. Título.**

**UFPB/CE/BS**

**CDU: 37-051(043.2)**

---

ANA BEATRIZ DA SILVA ARAÚJO

POR QUE OS PROFESSORES PERMANECEM NA DOCÊNCIA?

Monografia apresentada ao Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito obrigatório para obtenção do título da Licenciatura Plena em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA

*Elzanir dos Santos*

---

Profa. Dra. Elzanir dos Santos (Orientadora-UFPB)

---

Profa. Dra. Ana Paula Furtado Pontes (Examinadora-UFPB)

---

Profa. Dra. Idelsuite Sousa Lima (Examinadora 2 – UFPB)

Dedico este trabalho ao meu Pai e ao meu irmão,  
pois foram eles quem sempre estiveram ao meu  
lado em todos os momentos da minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pelo dom da vida e pela oportunidade de concluir mais um ciclo de maneira tão significativa.

Aos meus familiares pelo apoio e o incentivo de continuar no curso e chegar à onde eu cheguei.

Ao meu amor (namorado) pelas palavras de apoio, por toda paciência para comigo e pelo carinho quando eu me sentia triste e incapaz de continuar este trabalho.

As minhas amigas Gabriela e Karem pelo carinho durante todo o curso.

As professora Ana Paula e Idelsuite por terem aceitado o convite de participarem da minha banca.

A professora Elzanir dos Santos, pela paciência durante toda a construção do trabalho e pelas contribuições na minha formação acadêmica.

As minhas amigas Mayara Sena e Carolina Tarciara pelo apoio e incentivo durante toda a construção deste trabalho.

## RESUMO

A docência é uma das profissões mais afetadas pelas mudanças sociais, culturais e econômicas que perpassam a contemporaneidade. Nesta ótica, o presente estudo teve como objetivo analisar as razões que levam os docentes a permanecerem na docência, em face dos desafios enfrentados na profissão no contexto atual. Os objetivos específicos foram: mapear as concepções de professores sobre a docência; caracterizar as razões para a escolha da profissão; identificar os desafios que enfrentam na docência. Como principais autores que nortearam a base teórica estão: Freire (2011), Libâneo (2000), Tardif (2002), Rios (2001), Pimenta (2002) Codo (1999), López (2002) e Imbernón (2002). A metodologia desenvolvida pautou-se na perspectiva qualitativa e teve como instrumento de coleta de dados, a entrevista estruturada realizada junto a três professoras do Ensino Fundamental I de uma escola de rede pública de ensino da cidade de Bayeux. Os resultados das análises permitiram constatar que as educadoras entrevistadas estão na profissão por “amor”, pelo gosto do fazer docente e pela crença em que a educação esteja mudando. Entre os desafios que as entrevistadas apontaram, estão relacionados a indisciplinas dos alunos, a estrutura familiar e questão social e a falta de motivação dos alunos. Concluiu então, reforçando a importância deste trabalho tendo em vista que seus dados evidenciam que, apesar das inúmeras dificuldades que os professores enfrentam no seu fazer e na sua profissão, parte deles demonstram identificação, engajamento e projetos de permanência na ocupação. Isto pode, de um lado, ser indício de que estes profissionais desenvolvem uma prática docente mais comprometida. De outro, estas informações contrariam muitas das perspectivas negativas quanto à relação que estes profissionais estabelecem com a profissão.

**Palavras-Chave:** Docência. Identidade. Permanência. Desafios.

## ABSTRACT

Teaching is one of the professions most affected by the social, cultural and economic changes that permeate the current context. In this perspective, the present study aimed to analyze the reasons that lead teachers to remain in teaching, given the challenges faced in the profession in the current context. The specific objectives were: to investigate the reasons that lead teachers to remain in teaching; Identify the challenges faced in the profession. As the main authors that guided the theoretical basis are: Freire (2011), Libâneo (2000), Tardif (2002), Rios (2001), Pimenta (2002) Codo (1999), Lopez (2002) Imbernón 1994). The methodology developed was based on the qualitative perspective and had as instruments of data collection, a structured interview conducted with three primary school teachers I of a public school system in the city of Bayeux. The results of the analyzes showed that the educators interviewed are in the profession for "love", for the taste of teaching teaching and for the belief that education is changing. The challenges in which the interviewees pointed out are related to students' indiscipline, family structure and social issues, and lack of student motivation. I conclude by reinforcing the importance of this work in view of the fact that their data show that, despite the many difficulties that teachers face in their work and in their profession, some of them demonstrate identification, engagement and permanence projects in the occupation. This may, on the one hand, be an indication that these professionals develop a more committed teaching practice. On the other hand, this information contradicts many of the negative perspectives regarding the relationship that these professionals establish with the profession.

**Keywords:** Teaching, Identity, Permanence, Challenges

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>10</b>
<b>Procedimentos metodológicos.....</b>	<b>12</b>
<b>1.0 - Docência: identidade saberes e desafio.....</b>	<b>14</b>
1.1- A docência e os saberes que a constituem.....	14
1.2 Ser professor na contemporaneidade: desafios da profissão.....	17
<b>2.0 - Os Professores e a relação com a docência.....</b>	<b>26</b>
<b>2.0.1</b> O que é docência.....	<b>26</b>
<b>2.0.2-</b> A escola da docência como profissão.....	<b>28</b>
<b>2.0.3-</b> Os desafios enfrentados na docência.....	<b>29</b>
<b>2.0.3.1-</b> As diferenças encontradas em sala de aula.....	<b>31</b>
<b>2.0.3.2-</b> O uso das novas tecnologias nas aulas.....	<b>33</b>
<b>2.0.4-</b> Porque os professores permanecem na docência.....	<b>34</b>
<b>2.0.5-</b> A escolha de outra profissão.....	<b>36</b>
<b>3.0 - Considerações Finais.....</b>	<b>37</b>
<b>4.0 - Referências.....</b>	<b>39</b>
<b>5.0 – Apêndice .....</b>	<b>40</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo investigar as razões que levam professores a continuarem na profissão, em face do enfrentamento de inúmeros desafios.

Um dos interesses pelo tema surgiu quando estudava na escola básica. Lembro-me da época em que estudava no ensino fundamental, olhava os meus professores que, vez ou outra, reclamavam do que ganhavam ou da pouca disposição para estar na sala de aula. Na época eu tinha 13 anos e não compreendia bem o que eles estavam falando. Mas ao longo dos anos, fui compreendendo um pouco mais sobre o que é ser professor. Estudei em escola privada até o 7º ano. No 8º fui para uma escola pública e foi ali onde surgiram as primeiras inquietações sobre a docência. Nesta escola, pude observar a diferença entre os relatos ou desabafos, a respeito da profissão, entre estes professores e os da escola anterior, porque eu já tinha alcançado mais maturidade. Nesta fase, eu olhava para eles e pensava que eu queria ser diferente. Quando me refiro a palavra “diferente”, falo no sentido de dar mais atenção aos alunos, de se dedicar verdadeiramente o que faz e saber qual o meu papel como docente, que é ensinar.

No Ensino Médio aquele sentimento que eu tinha na 8ª série, ainda continuava em meu pensamento "eu quero ser diferente dos meus professores". Fiz cursinho na escola em que eu estudava para fazer o vestibular e aguardei os resultados para saber se tinha sido aprovada.

Em 2013, fiz uma viagem para Brasília, onde minha tia também é professora e ela me levou para escola onde atuava como docente. Tomei um susto quando eu vi apenas a frente da escola. Era uma escola grande em todos os sentidos. Mas, o choque maior não foi quando eu vi a escola, mas foi quando eu vi a forma que minha tia ensinava. A turma dela era de 4º ano. Ali percebi que a prática dela era diferente daquelas dos professores que passaram pela minha jornada, como estudante do ensino regular. Uma fala dela que me chamou bastante atenção, foi quando ela disse que a prática e a teoria deveriam andar juntas e que se eu fosse professora não deveria esquecer isso.

Freire (2011) ressalta, portanto a necessidade de uma reflexão crítica sobre a prática educativa. Sem essa reflexão, a teoria pode ir virando apenas discurso; e a prática, ativismo e reprodução alienada. Toda a teoria deve ser coerente com a prática cotidiana do professor, que passa a ser um modelo e influenciador de seus educandos.

Por exemplo, não seria coerente eu chegar e fazer um bolo sem que antes eu explicasse teoricamente como fazer esse bolo. Com isso, encontramos professores que falam tanto de prática e esquecem da teoria. Acredito que a minha tia tinha essa visão de que ambas devem andar juntas, mas faltava a ela conhecimento de como executar essas duas funções juntas. Ela mostrava domínio nos assuntos, mas com relação à interação à relação com a turma ela deixava a desejar. Houve um momento que um aluno perguntou que palavra era que ela tinha escrito no quadro, ela simplesmente respondeu: “Ta bom de providenciar óculos, toda aula é isso”. e não respondeu que palavra era que estava escrita. Aquilo me deixou abismada, pois eu nunca tinha visto um professor tratar um aluno daquela forma. Por que tratar assim, os estudantes?

Vale destacar que nossa identidade como docente se constrói, além de outros aspectos, a partir das experiências pelas quais passamos, sejam elas positivas ou negativas. Mais uma vez pensei que, quando me tornasse professora não agiria dessa forma.

Outra fonte de interesse por este assunto surgiu ao longo do Curso de Pedagogia, mais precisamente no 3º período, quando estudava um texto da autora Kuenzer e Caldas (2009), cujo o tema era “Trabalho Docente: Comprometimento e Desistência”. Embora o tema da presente pesquisa verse sobre a motivação dos professores a permanecerem na docência, no texto citado pude ler relatos de professores que falavam da desvalorização da profissão e dos desafios que os professores enfrentam no decorrer da sua caminhada na profissão. Os professores afirmavam que não aguentavam mais estar na docência, porque se sentiam desvalorizados e pelas condições de trabalho.

Em um dos relatos, uma professora fala do desejo em querer se aperfeiçoar e planejar bem os seus conteúdos. Mas, fala também, que além de ganhar pouco, leva trabalhos para fazer em casa.

O ideal seria que pudéssemos trabalhar só meio período em sala e ter mais tempo para planejar e nos aperfeiçoar. A gente mal recebe para trabalhar na escola, mas se não levar coisa para fazer em casa não dá conta de fazer um bom trabalho. (KUENZER & CALDAS 2009. p.34)

Esses depoimentos me chamaram bastante atenção, pois encontramos situações como essas em diversos contextos e, muitas vezes, não motivam os docentes a permanecerem na profissão, e sim desistirem dela. Entretanto, é possível encontrar um

percentual significativo de docentes que, mesmo enfrentando muitos desafios, não abandonam a profissão. Por que isso ocorre? O que leva tais profissionais a permanecerem no ofício?

Para responder a esta questão formulamos questões específicas, tais como: O que as professoras entendem por docência? Porque escolheram a profissão? Quais os desafios enfrentados na profissão e como elas lidam com eles? Desse modo, os objetivos específicos ficaram assim definidos: mapear as concepções de professores sobre a docência; caracterizar as razões para a escolha da profissão; identificar os desafios que enfrentam na docência.

### **Procedimentos metodológicos**

A presente pesquisa teve por objetivos analisar quais os fatores que levam docentes dos anos iniciais a permanecerem na profissão. Com Isso, para desenvolver o trabalho de pesquisa optei pela abordagem qualitativa. Segundo Minayo (1994, p.21):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos á operacionalização de variáveis.

De acordo com a autora, tanto a intencionalidade inerente aos atos das pessoas, quanto às reações, estão incorporados na pesquisa qualitativa, cujo tipo explica as relações consideradas essência e resultado da atividade humana criadora, afetiva e racional que pode ser apreendida no cotidiano, por meio da vivência e da explicação. A pesquisa qualitativa tem caráter exploratório e busca estimular seus sujeitos a exporem suas opiniões sobre um determinado tema, conceito ou objeto.

A presente pesquisa também trata-se de uma pesquisa de campo que foi realizada numa Escola Municipal de Ensino Fundamental, localizada na cidade de Bayeux, com professores que lecionam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da rede pública, sendo duas professoras do 4º ano e uma do 5º ano. O critério de escolha desta instituição se deu com base na minha experiência com o Estágio Supervisionado.

Sendo assim, foi utilizada como instrumento de coleta de dados a entrevista, através da qual os professores responderam perguntas, cuja o local foi na Instituição onde as mesmas lecionam e as respostas e perguntas foram gravadas. As questões apontadas foram de acordo com o tema proposto, tais como: O que é docência para você? O que lhe fez escolher a docência como profissão? Quais são os desafios que você enfrenta no seu trabalho? Dentre outras questões.

De acordo com Ribeiro (2008 p.141), a entrevista é

A técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistados.

Portanto, a entrevista pode desempenhar um papel vital para um trabalho científico, a fim de contribuir de forma positiva para uma melhoria de levantamento de dados.

Sendo assim, a importância deste estudo está em dar ênfase às razões que levam professores a continuarem na docência, mesmo enfrentando inúmeros desafios. Portanto, a perspectiva deste trabalho é olhar para os aspectos positivos da relação de professoras do Ensino Fundamental I com a docência, considerando os desafios que elas enfrentam em seu cotidiano.

Com a importância de buscar os fatores que levam os docentes a permanecerem nesta profissão. O trabalho está dividido da seguinte forma: o Capítulo I discorre sobre a construção da identidade docente, a partir dos saberes necessários ao fazer docente; além disso, discute-se acerca dos desafios que o professor pode encontrar na profissão e que marcam o contexto atual. No Capítulo II tem-se os caminhos percorridos para alcançar objetivos traçados, apresentando os procedimentos metodológicos; e em seguida, as análises dos dados colhidos na entrevista feita com os professores. Finalmente, apresenta-se as considerações conclusivas e aponta-se sugestões e as perguntas/temas que merecem ser aprofundados.

## 1 - DOCÊNCIA: identidade, saberes e desafios

Para melhor compreensão acerca das razões que levam professores a permanecerem na docência faz-se necessário compreender como se constrói a identidade docente a partir dos saberes que a constituem e auxiliam para o desenvolvimento competente do trabalho pedagógico; assim como esboçar alguns desafios impostos a este trabalho e ao contexto escolar, como um todo.

### 1.1 A docência e os saberes que a constituem

A docência tem como objeto central da atuação o ensino que, segundo Rios (2001, p.52) constitui-se em “uma prática social específica”, que pode ocorrer de forma sistemática na escola. Este é o campo de atuação profissional do professor ao qual cabe, junto com a escola, “assegurar aos alunos um sólido domínio de conhecimentos e habilidades, o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais, de pensamento independente, crítico e criativo (LIBÂNEO, 1994, p.22)

Entretanto, é válido destacar que o trabalho do professor ou a docência é uma tarefa complexa, pois é mais que ensinar conhecimentos. Além disso, o docente não é mero transmissor de conhecimentos, mas um mediador. Neste sentido, um dos aspectos centrais da sua identidade é a consideração de que ele deve ter o domínio de conteúdos que vai ministrar, mas que também os alunos já trazem conhecimentos construídos, a partir dos contextos em que vivem. Desse modo, Freire (2001, p.32) indaga: “Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar à disciplina cujo conteúdo se ensina”. Assim, reconhecer que os alunos também têm conhecimentos os quais devem ser articulados aos conteúdos sistematizados, deve ser uma característica do professor. Neste sentido discutiremos a seguir, de forma breve, acerca dos saberes necessários à docência.

Os saberes docentes são decisivos na atividade do professor, principalmente para o alcance de resultados na aprendizagem dos alunos e, conseqüentemente, para o sucesso escolar. Muitos autores como Freire (2011) e Pimenta(2002), discutem sobre os conhecimentos considerados necessários ao professor para saber ensinar, o que nos

remete a uma formação inicial, contextualizada e fundamentada, em que a prática pedagógica deve constituir o ponto de partida.

Pensar sobre a docência exige compreender o professor como um profissional em ação e interação com o aluno, sendo este processo que demanda a construção de saberes na realidade e para a realidade, em que a prática cotidiana se efetiva. Os conhecimentos do professor para poder ensinar constitui questão fundamental para os cursos de formação inicial deste profissional.

Para Pimenta (2002), os saberes da docência são divididos em três: a experiência, o conhecimento e os saberes pedagógicos. A experiência como saber da docência se constitui no decorrer da vida do aluno como estudante, a partir de toda relação que contribui para a formação humana do formando, e tudo o que sabem a respeito da profissão.

De acordo com Pimenta (2002, p.20)

Quando os alunos chegam ao curso de formação inicial, já têm saberes sobre o que é ser professor. Os saberes de sua experiência de alunos que foram de diferentes professores em toda a sua vida escolar. Experiência que lhes possibilita dizer quais foram os bons professores, quais eram bons em conteúdo mas não em didática, isto é, não sabiam ensinar.

A responsabilidade do curso de formação inicial em contribuir com a construção da identidade do professor é tarefa difícil, porém, necessária para que o ato de ensinar ocorra de forma significativa e coerente. Segundo Pimenta (2002), um dos aspectos essenciais à formação do professor é que o formando precisa se ver enquanto profissional da educação, capaz de colaborar coma transformação da realidade social dos alunos. O saber da experiência se refere, segundo a autora, aos conhecimentos produzidos em seu cotidiano docente, num processo permanente de reflexão sobre a sua prática.

Seguindo com as informações relacionadas com os saberes, na abordagem de Pimenta (2002), o segundo saber que a autora traz se refere ao conhecimento científico. Ela aponta a necessidade de o docente se questionar quanto ao significado do conhecimento, das informações, o quanto o conhecimento é poder, indagando ainda sobre o papel que ele deve ocupar hoje, da relação entre as ciências e os modos de produção (material, existencial), da sociedade e da informação.

Segundo a autora, conhecer implica um trabalho com as informações, classificando-as, analisando-as e contextualizando-as e que o trabalho da escola é o de mediar a informação, junto aos alunos, tornando possível desenvolver a reflexão para adquirir a sabedoria necessária à construção do homem.

Diante disso, Pimenta (2002, p.22) afirma que:

Não basta produzir conhecimento, mas é preciso produzir as condições de produção do conhecimento. Ou seja, conhecer significa estar consciente do poder do conhecimento para a produção da vida material, social e existência da humanidade.

A finalidade da educação escolar seria preparar, então os alunos para trabalharem os conhecimentos tecnológicos e específicos, a fim de desenvolvem habilidades para utilizá-los.

O terceiro saber apontado por Pimenta (2002) são os saberes pedagógicos. Os saberes pedagógicos são saberes igualmente necessários para se saber ensinar, uma vez que, experiência e conhecimentos específicos não são suficientes na prática docente, são necessários também os saberes pedagógicos e a didática. Constituem os saberes pedagógicos temas como relacionamento professor-aluno, importância da motivação e do interesse dos alunos no processo de ensino-aprendizagem, e das técnicas de ensinar.

Na formação de professores há uma necessidade de articulação entre a realidade existente nas escolas e a formação contínua de professores, superando a fragmentação dos saberes da docência, analisando a prática social e reinventando os saberes como ponto de partida para a formação dos professores. Com isso, o desafio da escola está em saber ensinar algo que resultará em contribuição com a história de vida de seus alunos, tanto no presente como no futuro, por considerá-los como sujeitos sociais, e isto precisa ser tratado por todos os envolvidos, principalmente pelo professor, pois como afirma Freire (2011), “educar é um ato de amor” e isso não significa conforme muitos pensam que “para ensinar crianças é preciso apenas gostar delas”. É bem mais que isso, é necessário amar o que se faz, estar engajado nas lutas e nos embates importantes para as melhorias sociais acontecerem de forma efetiva, para que assim o ensino obtenha sucesso.

Desse modo, os saberes pedagógicos podem colaborar com a prática, pois há uma interdependência entre a teoria com a prática. Para isso, o curso de formação inicial contribui trazendo esses saberes de forma positiva para a construção da identidade dos professores.

De acordo com Freire (2011), os professores precisam desenvolver e adquirir muitos saberes no decorrer da sua prática. Porém, é importante que o professor compreenda que um dos saberes indispensáveis para a prática é assumir-se como sujeito também da produção do saber, se convencendo de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.

É neste sentido que afirma Tardif (2002, p.234):

o trabalho dos professores de profissão deve ser considerado como um espaço prático específico de produção, de transformação e de mobilização de saberes e, portanto, de teorias, de conhecimentos e de saber-fazeres específicos ao ofício do professor.

Com isso, o que Tardif diz, é que não se pode deixar de ser sujeitos do conhecimento, que seja capaz de teorizar sobre a sua própria ação. Para isso, ao invés de ser simples transmissor de conhecimentos, deve-se nos assumir como sujeitos da produção do saber, criando as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.

## 1.2. Ser professor na contemporaneidade: desafios da profissão

O debate sobre a docência não se completa se for ignorado os contextos nos quais ela se realiza e os desafios que aí emergem. Neste sentido, irei abordar somente alguns destes desafios, argumentando que eles podem se traduzir em fator de desmotivação, de frustração e até de desejo de abandono da profissão.

Nas últimas décadas entre os anos 2000 e 2011 muitas transformações ocorreram no panorama da educação brasileira e na profissão do professor. Sabe-se que a profissão docente está sujeita ao enfrentamento de inúmeros desafios os quais podem contribuir para a desmotivação dos docentes e o conseqüente desejo de abandono da função, embora mesmo assim, a maioria permaneça na profissão. O foco deste trabalho é,

portanto compreender as razões que levam os docentes a permanecerem na profissão em face dos desafios que enfrentam.

A seguir, tem-se uma incursão breve sobre alguns dos desafios impostos à profissão docente na atualidade. Estes são fatores internos e externos ao ofício, sendo relevante destacar a denominada crise dos processos identitários que, segundo (HALL, 1999, p.09), são mudanças advindas da “sociedade do conhecimento” e do multiculturalismo ou da diversidade cultural.

A palavra que melhor define o contexto social atual é mudança. O mundo tem vivenciado constantes mudanças, seja no meio social, econômico e/ou cultural. Tais mudanças têm feito com que o mundo preste mais atenção na educação, afinal ela norteia e é norteadada pelo que ocorre em toda a sociedade.

Um dos aspectos que constituem as mudanças vivenciadas na contemporaneidade se refere, segundo Rios (2001, p.39) a uma “crise de significados da vida humana”, das relações interpessoais, institucionais e sociais.

Neste contexto, pode-se dizer que nunca foi tão difícil ser professor, uma vez que a trajetória da profissão docente tem estreita ligação com a história da educação escolar e com os impasses e desafios por ela enfrentados. Estes vinculam-se a desvalorização da profissão, a perda ou crise relacionada a uma determinada identidade docente. Esta crise gera dificuldade tendo em vista que é importante que o docente possa se encontrar naquilo que ele faz. As possibilidades, as problemáticas, os suportes e as obrigações definem a identidade profissional de um professor.

A imagem do professor passa por mudanças significativas no decorrer do tempo e isso faz com que este encontre seu papel e sua função de acordo com as mudanças que alteram as relações de seu trabalho. A imagem social do professor é um dos aspectos que favorecem a elaboração coletiva da identidade profissional do professor.

De acordo com Vianna (1999, p.52, apud PRADO, s/d p.05 ):

A identidade é um processo de diferentes etapas da vida e de acordo com o contexto no qual a pessoa atua, uma construção que exige constantes negociações entre tempos diversos do sujeito e ambientes ou sistemas nos quais ele está inserido.

Sendo assim, a construção da identidade profissional docente passa por dificuldades relevantes em sua constituição, seja em relação às dificuldades impostas

pelo novo contexto educacional e social da contemporaneidade ou pelo legado histórico da profissão.

Portanto, o espaço da sala de aula e as próprias aulas configuram também elementos de crise, na medida em que podem constituir experiências que vão mostrar formas de distanciamento entre como o professor gostaria que fosse o seu cotidiano a realidade vivida. As dificuldades de aprendizado dos alunos mexem com a subjetividade do professor no sentido de levá-lo a duvidar da sua própria competência. Sendo assim, Codo (1999, p. 61) afirma que:

A perda maior ou menor do controle sobre o produto ou as dúvidas sobre a competência profissional só podem fazer presentes na realidade do trabalho nas escolas. É no cotidiano da sala de aula que os educadores porão a prova sua competência na condução do processo de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, o vínculo afetivo e emocional com os alunos, conta como um ponto positivo ou negativo e influencia na prática de ensinar. Caso ele seja conflituoso desmotiva o docente a continuar a caminhada.

A tarefa de educar é considerada uma das mais delicadas e em estreita relação com termos psicológicos e sociológicos, pois para que ela de fato aconteça é necessário que se estabeleça uma relação afetiva positiva entre professor e aluno. Mas, na atualidade será fácil conseguir ser esse docente que a sociedade espera que ele seja? As expectativas que a sociedade tem acerca da docência pode gerar frustrações e o desejo de abandono da profissão.

Além disso, se à escola falta estrutura física e material, se não há relação interpessoais positivas, se falta o reconhecimento social e o professor não consegue lançar mão daquilo que realmente quer, provavelmente este profissional se sentirá incapaz de atuar, ficando doente por um conjunto de sintomas que poderá originar “a síndrome de Burnout”, ou seja, “a dor de um profissional encalacrado, entre o que pode fazer e o que efetivamente consegue fazer entre o céu de possibilidades e o inferno dos limites estruturais, entre a vitória e a frustração” (CODO, 1999, p.13).

Portanto, a profissão docente é permeada de inúmeros desafios que, podem ser desestimulantes aos que buscam por uma educação melhor. Ademais, a docência é

pouco valorizada e isso pode acarretar uma baixa autoestima para quem realmente quer atuar na profissão.

Um aspecto que impõe a necessidade de mudanças nos processos identitários da docência é a presença cada vez mais intensa das novas tecnologias em nosso cotidiano e a necessidade de inseri-la nos contextos educativos escolares.

A denominada “sociedade do conhecimento”, vivenciada no século XXI, está muito relacionada com uso das novas tecnologias. As novas tecnologias estão sendo avançadas, tornando-se positiva e negativa na sociedade. Devido a esses avanços, surge uma nova era em que acaba contribuindo ou influenciando na aprendizagem dos alunos, gerando profundas mudanças no processo de produção do conhecimento. Antes do advento das novas tecnologias as únicas vias de apropriação do conhecimento eram a sala de aula, o professor e os livros didáticos, hoje é permitido ao aluno navegar por diferentes espaços de informação, que também e possibilita enviar, receber e armazenar informações virtualmente.

O surgimento e as frequentes renovações de fontes tecnológicas a cada dia faz com que a profissão docente seja vista como uma profissão que “perdeu” um lugar na sociedade.

Desta forma, Libaneo (2000, p. 13) afirma que:

Têm sido frequente afirmações de que a profissão de professor está fora de moda, de que ela perdeu seu lugar numa sociedade repleta de meios de comunicação e informação. Estes seriam muito mais eficientes do que outros agente educativos para garantir o acesso ao conhecimento e a inserção do indivíduo na sociedade.

Sendo assim, a informação e o conhecimento se transformaram numa questão estratégica no mundo de hoje. O conhecimento é o principal ativo da sociedade “informacional” e por isso é motivo de embates na definição de quais conteúdos culturais serão ensinados nas escolas.

A educação juntamente com o docente, podem transformar o conhecimento das pessoas, a partir do uso das tecnologias nas escolas, possibilitando um ensino contínuo, atualizado e interativo. O desenvolvimento das novas tecnologias da informação e comunicação é crescente e constante. Por isso, é imprescindível o uso das tecnologias nas escolas, para que a formação dos alunos possa ser melhorada e as escolas sejam as

principais formadoras de novos profissionais e cidadãos para a sociedade atual, denominada de “sociedade do conhecimento”.

O uso das tecnologias para alunos e professores, serve também como fonte de conhecimento, tem implicações na educação a partir de exigências de novas formas, de se comunicar, de pensar, ensinar/aprender. Vale destacar que as tecnologias na escola não deve ser substituta dos professores nas aulas, e sim deve ser vista e utilizada como um recurso para auxiliar o trabalho docente na integração dos conteúdos curriculares. Sua finalidade não se encerra nas técnicas de como deve se usar, mas em conceitos básicos de como o professor pode implantá-las nas aulas, sem que isso se torne um desafio para ele.

A integração da tecnologia de informação e comunicação na escola favorece em muito a aprendizagem do aluno e a aproximação de professores e alunos, pois através deste meio tecnológico ambos tem a possibilidade de construir conhecimento através da escrita, reescrita, troca de ideias e experiências. O computador tornou-se um grande aliado na busca do conhecimento, pois trata-se de uma ferramenta que auxilia na resolução de problemas e no desenvolvimento do ensino através de projetos. Mas para não se tornar um desafio para o docente, faz-se necessário que ele saiba como utilizá-la e disponha de tempo para planejar suas aulas. Mas, para que o professor possa realmente se atualizar e inovar, é necessário que ele primeiro tenha o desejo e a motivação e a escola como instituição também se renove, não só modernizando, implementando os recursos adequados, mas sim dando condições reais para que o professor realize um trabalho dinâmico, inovador, instigador, utilizando toda a tecnologia que ela dispõe aos seus alunos.

Com base nessa necessidade, Moran (2004, p.03) destaca:

O que deve ter uma sala de aula para uma educação de qualidade? Precisa fundamentalmente de professores bem preparados, motivados e bem remunerados e com formação pedagógica atualizada. Isto é incontestável.

Sem tais elementos, no entanto, o uso das tecnologias pode se configurar um desafio insolúvel.

### *O professor e as novas tecnologias*

Nesta perspectiva, as novas tecnologias de comunicação passam a desempenhar um papel importante neste processo. Assim, considera-se um desafio problematizar e investigar as práticas educacionais a fim de enriquecê-las e propor, assim, sempre que possível um novo saber para os professores que buscam novas estratégias de ensino para o educando de maneira significativa do uso das novas tecnologias no cotidiano escolar.

A escola como um dos espaços mais privilegiados de discussão, produção e construção do conhecimento deve oportunizar aos seus profissionais e estudantes o uso das ferramentas tecnológicas disponíveis no ambiente escolar, visando dinamizar e intensificar o processo de ensino e aprendizagem. O professor como agente mediador no processo de formação de um cidadão disposto a atuar nessa sociedade de constantes inovações, tem como desafios incorporar as ferramentas tecnológicas no processo de ensino e aprendizagem, buscando formação continuada, bem como parcerias quanto à utilização destas.

Sendo assim, Libâneo (2000, p. 26) diz:

O que deve ser a escola em face dessas novas realidades? A escola precisa deixar de ser meramente uma agência transmissora de informação e transformar-se num lugar de análises críticas e produção de informação, onde o conhecimento possibilita a atribuição de significado a informação.

Dessa forma, o mesmo autor defende a necessidade e os educadores se apropriarem da tecnologia e da comunicação provocando uma reflexão, na qual os alunos possam elaborar e transformar as ideias, sentimentos, atitudes e valores. A tecnologia deve ser considerada um conteúdo escolar necessário na aprendizagem.

Desta forma, o professor é fundamental no processo de aprendizagem, o qual tem como principal função ser um criador de ambientes de aprendizagem e de valorização do educando. A inovação não está limitada ao uso da tecnologia, mas sim na maneira e nos objetivos com os quais o professor vai usar os recursos. Assim, ele deve criar projetos que levam ao enriquecimento do conhecimento, também deve saber dialogar, compreender, respeitar, cuidando da afetividade, interação e, por fim, da aprendizagem. O aluno precisa se sentir acolhido em relação ao professor e os colegas para sentir prazer em ir à escola.

Deste modo, Libâneo (2000, p. 29) fala que:

O que se afirma é que o professor medeia a relação ativa do aluno com a matéria, inclusive com os conteúdos próprios de sua disciplina, mas considerando os conhecimentos. A experiência e os significados que os alunos trazem à sala de aula, seu potencial cognitivo, suas capacidades e interesses, seus procedimentos de pensar, seu modo de trabalhar.

Assim, o professor contribui para o desenvolvimento do aluno – mediado pelas novas tecnologias – favorecendo o pensar, o questionar e o dialogar. Sabe-se que a atual sociedade exige profissionais mais qualificados, sabendo então, não só utilizar algumas mídias como instrumentos didáticos, mas também sendo capazes de aproveitar as “mensagens e informações recebidas das mídias” para fazer com que os alunos saibam interpreta-las e não simplesmente serem passivos perante essas tecnologias.

Para isto, é necessário que haja investimento na formação dos professores e a escola pode também ser este ambiente de qualificação. Daí, é preciso articular ideias que surjam para incentivar a escola e os professores, a fim de desenvolver as habilidades com os recursos oferecidos e aprimorando as práticas educativas. É certo que as novas tecnologias são bastante desafiadoras para os docentes, especialmente porque requer tempo para planejar e organizar as aulas. Tempo este, que muitas vezes, eles não dispõem.

#### *O desafio de lidar com as diversidades*

O multiculturalismo é um tema muito atual e pertinente, tanto na sociedade como na escola, porque faz parte destes espaços. O rompimento das fronteiras de tempo e espaço, mediante a rapidez da circulação de informações e a facilidade no que diz respeito à interação entre os indivíduos caracterizam o mundo globalizado e trazem consequências para as relações entre as pessoas, as quais adentram o ambiente escolar. Mas, vale destacar que dentro desse mundo recheado de culturas, para o professor tornar-se desafiador lidar com as diversidades de diversas ordens. De acordo com Candau (2011, p. 241): “As diferenças culturais - étnicas, de gênero, orientação sexual, religiosas, entre outras – se manifestam em todas as suas cores, sons, ritos, saberes, sabores, crenças e outros modos de expressão”.

Vale destacar a importância de que a diversidade seja trabalhada em sala de aula. Porém, ela se constitui um dos aspectos problemáticos para os docentes, pois de um modo geral não sabem lidar com as diferenças.

Nos dias atuais, no final da segunda década do sec. XXI, vive-se sob uma mudança constante em todos os sentidos da vida social e cultural, o que impõe a necessidade de ampliação de conhecimentos acerca de como atuar com a diversidade, entendendo que sempre se pode trabalhar o diferente, possibilitando que todos tenham acesso ao conhecimento.

Sabe-se que a escola tem função educativa e a responsabilidade de transmitir conhecimentos sistematizados, porém acaba não desempenhando seu papel devido à enorme dificuldade de desenvolver ações que contemplem as diferenças encontradas, entre os alunos, no seu meio escolar. Muitas vezes, a escola agrava as diferenças ao não reconhecê-las, na tentativa de não discriminar.

Este tema da diversidade foi contemplado na LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), a qual trouxe para análise questões relativa à diversidade cultural e a pluralidade étnica encontrada no cotidiano escolar. Com isso, surgiram os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), elaborado pelo Ministério da Educação, que trazem como um dos Temas Transversais à “pluralidade cultural”.

Tratar da diversidade cultural, reconhecendo-a e valorizando-a de superação da discriminação é atuar sobre um dos mecanismos de exclusão, tarefa necessária ainda que insuficiente, para caminhar na direção de uma sociedade mais plenamente democrática. É um imperativo do trabalho educativo, voltado para a cidadania uma vez que tanto a desvalorização cultural - traço bem característico de pais colonizado- quanto a discriminação são entraves à plenitude da cidadania para todos, portanto para a própria nação (BRASIL, 1997, p. 21).

Nesse contexto, a questão da relação entre diversidade cultural e prática docente, constitui aspecto relevante na construção de uma escola democrática, porém, a existência da diversidade provoca conflitos, tensões e resistências às mudanças de paradigmas por parte do professor.

Entretanto, a escola é um espaço privilegiado para a promoção da igualdade e a eliminação de toda forma de discriminação, por possibilitar em seu espaço físico a convivência de pessoas com diferentes origens étnico-raciais, culturais e religiosas,

dentre outros. Sendo assim a escola precisa realmente conhecer quem são seus alunos para poder respeitar e trabalhar essas diversidades. Que a escola, não seja apenas, um instrumento de reprodução de preconceitos, mas sim, espaço de promoção e valorização da diversidade que enriquecem a sociedade brasileira.

É pertinente, ainda, discutir outro aspecto ligado a diversidade que está relacionado com as diversidade de níveis de aprendizagem e que requer da escola muitas demandas em termos de “adaptações curriculares”. Estas podem estar vinculadas à organização da sala de aula, as atividades e as metodologias que o professor usa com os seus alunos.

De acordo López (2002, p. 91):

Uma medida que facilita a tenção à diversidade e, nesse caso, a realização de adaptações curriculares deve ser a adequação e a organização da classe para tal propósito; refiro-me a aspectos tão elementares e simples como a colocação das mesas, dispondo-as de tal maneira que permita o trabalho cooperativo entre os alunos, ou a criação de espaços ou ambientes de atividades específicas que lhes possibilite ter uma certa autonomia no trabalho.

Sendo assim, o professor pode solicitar ajuda, à gestão pedagógica, para contribuir de forma positiva na aprendizagem dos alunos, como também para aqueles que tem mais dificuldades de aprender. E assim, utilizar metodologias que estejam dentro da realidade e capacidade dos alunos para que os mesmos reflitam sobre o seu processo de aprendizagem. Porém, se o professor trabalhar com todos os alunos uma mesma atividade sem conhecer o grau de dificuldades deles, pode ocasionar uma série de problemas como a desmotivação daqueles que tem dificuldade de aprender. Diante disso, afirma Pérez (2002, p.98) “a motivação dos alunos pela aprendizagem escolar é a chave de todo o sistema. Ela está muito ligada ao seu medo de fracassar e a sua necessidade de êxito.” Assim sendo, o professor pode planejar os conteúdos e as atividades de forma adaptada à diversidade de necessidades dos alunos e respeitando, sobretudo, o grau de dificuldade daqueles que as tem em maior grau.

Portanto, é preciso que a escola e o docente aprendam a ver as diferenças como algo positivo que melhora o ensino, caso elas sejam potencializadas. Elas não devem, nessa ótica ser causa de sofrimento ou desestímulo em relação à profissão.

## 2- Os Professores e a relação com a docência

A seguir, serão apresentadas as análises das respostas dos três sujeitos participantes deste estudo, os quais representam a equipe do corpo docente de uma Instituição de ensino da rede pública municipal, localizada na cidade de Bayeux. Sendo uma professora do 4º ano do turno da tarde e duas professoras do 5º ano do turno da manhã e do turno da tarde. A escolha para entrevistar os sujeitos se deu em uma experiência da disciplina de Estágio Supervisionado, onde as entrevistadas lecionam.

A professora do 4º ano tem 19 anos na profissão, é efetiva, trabalha dois turnos e tem Especialização em Psicopedagogia; a professora do 5º do turno da tarde trabalha há 11 anos na profissão, é contratada, trabalha só um turno, é formada em Pedagogia e concluiu a Pós graduação em Psicopedagogia; a professora do 5º ano do turno da manhã está há 19 anos na profissão, é efetiva, trabalha os 3 turnos e tem Pós Graduação em Artes Visuais e em Psicopedagogia.

### 2.0.1 O que é docência

Para iniciar a entrevista, foi feita a pergunta: “O que é docência para você?” As três professoras responderam às perguntas de forma diversificada. O depoimento a seguir é da entrevistada 1:

*Docência eu acho que é um ato de amor porque a cada dia lida com um novo obstáculo e a gente tem que ta sempre revendo os nossos princípios.*

De acordo com a fala da professora, à docência se define apenas como um ato de amor. Com isso, se pararmos para analisar, o professor está ali só porque ama ensinar? Se trouxermos essa afirmação de que docência é um ato de amor, porque não dizer que o professor pode trabalhar sem receber um salário, sem ter seus direitos, apenas porque ensina por amor. De acordo com a resposta da professora, o amor à docência algumas vezes pode estar relacionado à ideia de “vocação” que o docente pensa ser necessária para ensinar. Porém, vocação muitas vezes está ligada há algo religioso, quando o professor por muitas vezes se sente voltado apenas para isso. Nesta ótica, de acordo com (BIANCHETTI, 1996. apud. FURTADO & BARBOSA, s/d p.05):

O conceito de vocação a partir da etimologia da palavra está relacionado à idéia de “chamamento”, de seguir uma profissão por se sentir “tocado”, o que nos remete à origem da palavra que tem forte viés religioso associado a dom e chamado de Deus.

A preocupação é que a partir de tal compreensão sobre o conceito da vocação, o professor assuma uma perspectiva de trabalho missionário e de doação, e diante das situações a que são submetidos nas condições concretas de trabalho, o professor comece a ver a docência como um ato de amor e vocação.

Com isso, o professor que assume seu amor pelo mundo e pelos educandos, o demonstra por meio da seriedade no planejamento de suas aulas, da busca constante de práticas que promovam a aprendizagem, do estabelecimento de vínculos afetivos saudáveis, em que todos se sintam acolhidos e, portanto, convidados a se expressar.

Para Freire (2011, p.138):

Essa abertura de querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa, esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade.

Sendo assim, este ato de amor deve ser característica da postura do educador, auxílio no estabelecimento de uma relação equilibrada e mediada pela afetividade, primando pelo estudo sério dos conteúdos, pela formação humanista, pela convivência saudável, em que os indivíduos são acolhidos e o egoísmo é recusado. Ou seja, o amor se manifesta no desejo de formar pessoas, empenhando-se em fazê-lo da melhor forma possível.

O outro depoimento foi da entrevistada 2:

*Docência é a gente passar aquilo que a gente sabe para o aluno. Para que ele leve um caminho que seja de melhor pra ele.*

A fala desta entrevistada associa a docência a um repasse de conhecimento, que só o professor detém e que esse repasse pode tornar o aluno melhor.

Segundo Freire (2011, p.24), é necessário que o professor:

desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.

Desse modo, o ensinar não é transferir conhecimento, mas está além. Não é simplesmente repassar conceitos e ideias prontas, e sim dominar o conhecimento existente, participando do desenvolvimento do aluno, bem como na construção de novos conceitos a partir do atual. Portanto, o professor é somente um intermediário para que o aluno adquira o conhecimento.

Por fim, a resposta da última entrevistada, a entrevistada 3, a qual respondeu à pergunta sobre o que seria docência de maneira muito vaga. Segundo ela a docência:

*É um exercício de cidadania. (Entrevistada 3)*

## 2.0.2 A escolha da docência como profissão

Quando indagados acerca das razões que levaram à escolha da docência, evidenciou-se semelhanças nas três respostas, tendo em vista que todas disseram se identificar com a profissão. Os depoimentos a seguir são ilustrativos:

*Eu desde pequena eu me identificava com o fato de ensinar, eu sempre gostei de ta(sic) compartilhando as coisas que eu sabia. Então eu terminei escolhendo essa profissão por isso. (Entrevistada 1)*

*Desde os meu 14 anos que eu estudava e eu tinha uma professora minha que abriu um colégio e me convidou para ser ajudante dela e eu fui. Daí eu me apaixonei até hoje já mudei de várias profissões e sempre voltada pra educação não tem como me afastar. (Entrevistada 2)*

*É por uma questão familiar, muitos professores, e acho que vocação mesmo, própria. (Entrevistada 3)*

As respostas de duas docentes demonstram que escolheram a profissão porque já tinham “afinidade” pela docência. Uma delas afirma que a influência da família foi

decisiva. A escolha da profissão é um momento importante na vida do indivíduo, pois é quando ocorre uma projeção do futuro e o trabalho vai possibilitar, ou não, a realização das expectativas.

De acordo com Tardif (2002, p.73):

a vida familiar e as pessoas significativas na família aparecem como uma fonte de influência muito importante que modela a postura da pessoa toda em relação ao ensino. As experiências escolares anteriores e as relações determinantes com professores contribuem também para modelar a identidade pessoal dos professores e seus conhecimentos práticos.

Sendo assim, a escolha da profissão, muitas vezes, está relacionada também com a vivência do sujeito, se já teve experiência ou se foi influenciado pela família.

### 2.0.3 Os desafios enfrentados na docência

Ao perguntar sobre: Quais os principais desafios que você enfrenta na docência? As respostas surgiram de forma diferenciada. Surgiram desafios relacionados com a indisciplina, com o contexto social e familiar e o desenvolvimento dos alunos na leitura e na escrita. A Entrevistada 1 diz que:

*Hoje a gente tem muito problema com a indisciplina, a falta de respeito na sala de aula e também a falta de motivação dos alunos para aprender.*

De acordo com a fala da professora, a indisciplina é um elemento bastante desafiador para o docente e que é muito comum nos dias atuais. E isso acaba gerando um mal-estar e também a falta de motivação para o docente. O que poderá levar a desmotivação do aluno, uma vez que este professor não terá estímulo pra desenvolver boas aulas. Aulas desinteressantes são uma fonte de indisciplina. E assim, o ciclo não tem fim.

Segundo Codo (1999, p.60):

Atualmente os educadores estão experimentando uma crise de identidade. De forma mais ou menos direta, o conjunto de fatores que ingressam na configuração dessa crise apontam a um questionamento do saber e saber-fazer dos educadores, da sua competência para lidar com as exigências crescentes do mundo atual em matéria educativa e com uma realidade social cada vez mais deteriorada que impõe impasses constantes a atividade dos profissionais.

Deste modo, o educador ao se deparar com os inúmeros desafios que se impõem ao trabalho docente, dentre eles a indisciplina, pode configurar-se também uma crise de identidade e de questionamentos sobre sua permanência na profissão.

A entrevistada 2, diz que:

*Os desafio é ver os alunos que são daquele bem precário desenvolver e conhecer a leitura e saber ler.*

De acordo com a fala da professora, podemos perceber que o desenvolvimento das habilidades de leitura e a escrita continuam sendo um grande desafio para os educadores. Essa função de ler e escrever deve ir além da tradução do código escrito. Deve ser instrumento para ser usado como ferramenta para conhecer o mundo, fazendo o repensar seus sentidos e significados. A escola é a maior responsável para que isso ocorra e para tanto é necessário pensar na formação de seus educadores. Esses devem ser leitores e escritores capazes de ler e interpretar com propriedade e de se atualizar em capacitações e em serviço para que seus conhecimentos sejam compartilhados e enriquecidos a todo momento.

Um dos aspectos que o professor deve passar aos seus alunos para que os mesmos tenham mais facilidade em aprender, envolve também a disponibilidade deste profissional para com os aprendentes, isto é, o professor deve estar disponível e disposto a enfrentar esse desafio das dificuldades de parte dos alunos na aprendizagem da leitura e da escrita.

Segundo Freire (2011, p. 132) diz que:

*É na minha disponibilidade à realidade que construo a minha segurança indispensável à própria disponibilidade. É impossível viver a disponibilidade à realidade sem segurança, mas é impossível também criar a segurança fora do risco da disponibilidade.*

Sendo assim, ensinar a ler e escrever são processos complexos e que necessitam indiscutivelmente da participação de todos os envolvidos com a educação. Assim como, os professores, os pais também podem contribuir de alguma forma com este feito, ainda que não seja alfabetizado o apoio e o incentivo dos pais é primordial para que as crianças possam sentir-se motivadas a aprender os elementos presentes no mundo da leitura e escrita.

Enfim, entrevistada 3, traz como desafio:

*Hoje os desafios, que não é só de hoje mais sempre existiu, a estrutura familiar e a questão social né? Então dificulta muito o trabalho.*

Para esta professora a realidade familiar influencia o desenvolvimento educacional do aluno, gerando dificuldades para o trabalho em sala de aula. De fato, a família como instância socializadora exerce um papel fundamental no desenvolvimento integral dos indivíduos. Embora a professora não especifique o que ela quer expressar, ao falar de estrutura familiar, podemos supor que o desafio é, provavelmente, a falta do apoio familiar e de um ambiente doméstico adequado ao processo de ensino e aprendizagem de parte de seus alunos.

#### 2.0.3.1 As diferenças encontradas em sala de aula

O aspecto da diversidade, em termos de cultura, de objetos, de níveis de aprendizagem são alguns dos aspectos que desafiam a prática e a concepção dos professores. Por isso, uma das perguntas feitas a docentes diz respeito a como lidam com as diferenças que se apresentam em sua turma. As três mostraram semelhanças nas respostas afirmando que deve haver um jogo de cintura e uma adaptação para que o professor consiga lidar com essas diferenças. O depoimento a seguir é ilustrativo:

*É difícil, mas é uma coisa comum hoje em dia em sala de aula. Então a gente vai se adaptando né? Pra tentar atingir, pelo menos tentar atingir a todos. Mas assim é uma coisa normal é procurando diversificar as atividades. O que orientam a gente procura fazer. (Entrevistada 1)*

*Olha, a gente tem que ter um jogo de cintura muito grande, porque assim quando é a diferença na aprendizagem é mais fácil da gente lidar porque usa técnicas e formas de estilo diferenciadas. Mas quando é em comportamento a gente chama sempre os pais para ajudar nesse lado. (Entrevistada 2)*

*Eu vou criando estratégia e procurando a melhora entender o lado do aluno. Sempre mostrando um meio que eu veja que ele está lidando bem. (Entrevistada 3)*

Muitas vezes quando se fala em “diferenças”, logo se pensa em desafios ou dificuldades, mas para o professor saber lidar com esse desafio, um primeiro aspecto deve ser cuidado em manter um bom relacionamento com o aluno. Embora as professoras relatem que para lidar com os desafios elas diversificam as atividades e criam estratégias para alcançar o aluno no seu processo de ensino e aprendizagem. Esse bom relacionamento pode contribuir na capacidade dos alunos dentro das atividades, fazendo com que o profissional analise o grau de dificuldade dos alunos e assim torná-los motivados para aprender, sem que haja uma distinção de conteúdo pela dificuldade dos alunos. Ou seja, o professor dentro dessa disponibilidade de diversificar as atividades para que todos os alunos sejam incluídos nela, faz com que eles reflitam sobre o que estão aprendendo.

Segundo López (2002, pg.91):

Para trabalhar um mesmo conteúdo, tendo presente as capacidades dos alunos, podemos diversificar as atividades, variar seu grau de complexidade decompô-las em partes mais simples e pensar em atividades que favorecem seu autoconceito, que os alunos sintam-se capazes de realizá-las, de tal maneira que compensem uma possível auto-imagem negativa.

Lidar com as diferenças em sala de aula requer do professor a dedicação e a vontade de enfrentar este desafio. Um educador que reflete sobre os problemas que ocorrem em sua sala de aula é um educador que busca o desenvolvimento dos alunos, assim, torna-se viável sempre refletir sobre o comportamento de seus estudantes e suas dificuldades, bem como, suas próprias dificuldades e causas das mesmas. Portanto, o professor pode ser reflexivo, buscar inovações, pesquisar, estudar, tendo em vista melhorar sua prática de ensino.

Segundo Abreu & Masetto (1990, p. 115):

É o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos, fundamentam-se numa determinada concepção do papel do professor que por sua vez reflete valores e padrões da sociedade.

Desta forma, o professor precisa estar em constante aprimoramento de seu trabalho, para que ele reconheça que uma formação continuada de suas respectivas qualificações é fundamental, assim, poderá colocar em prática suas ações e estratégias

para manter uma postura profissional e respeito em sala de aula, e fazer com que o aluno se interesse pelo conteúdo a ser ministrado.

### 2.0.3.2 O uso das novas tecnologias em sala de aula

As novas tecnologias se impõem como um dos aspectos da contemporaneidade que ocupa um lugar central na vida das pessoas e, portanto, não pode ficar fora da escola. Nesta ótica, foi indagado às entrevistadas sobre o uso das novas tecnologias nas aulas. As três professoras apresentaram respostas semelhantes afirmando que dispõem apenas o projetor para dar aulas visuais, pois, a instituição só oferece esse recurso. Elas destacam que a escola não oferece recurso suficiente e que isto se torna também um desafio a ser enfrentado em sala de aula. O uso da internet se dá pelos alunos em suas casas. Segue o depoimento das três entrevistadas:

*É, utilizo mais com uma certa dificuldade, porque as escolas as vezes não está pronta para as novas tecnologias. Então, acesso à internet não existe. Então eu procuro ficar no que a escola consegue oferecer, que é uma aula de vídeo. Estou chegando agora nesta escola e praticamente só é no áudio visual as aulas. (Entrevistada 1)*

*É eu utilizo sim a parte da internet, eu trabalho muito com eles com data show, procuro sempre pesquisar é esses repórter que tem, que está ai atual e eu procuro sempre falar com eles em sala de aula pra que eles debata comigo aquele problema que está acontecendo. (Entrevistada 2)*

*Assim, a escola não tem tantos recursos né? Mas a gente procura trabalhar com a parte de vídeo, é pesquisa pela internet também, agora é mais pra casa. Eu pesquiso e boto eles também para fazer atividade de pesquisa em casa, Mais realmente falta os recursos na escola. (Entrevistada 3)*

De acordo com os depoimentos das professoras o uso das tecnologias se torna fundamentais para o desenvolvimento do conhecimento do aluno. Porém, a escola não oferece recursos suficientes para que a aula se torne mais atraente. O único contato que os alunos tem com relação às novas tecnologias, considerando as respostas das entrevistadas, é por meio do data show e pelo acesso à internet, nas pesquisas que elas orientam para casa.

Portanto, o uso das novas tecnologias proporciona aos estudantes oportunidades ímpares de otimizar seus estudos e desenvolver seu aprendizado escolar, devendo haver

maiores investimentos para que as escolas disponham da maior variedade possível destes recursos e, assim deixe de ser um desafio e sim uma facilidade para o trabalho pedagógico.

#### 2.0.4 Por que os professores permanecem na docência

Uma das questões centrais a este trabalho é compreender porque, mesmo diante dos inúmeros desafios que enfrentam, os professores permanecem na profissão. A pergunta foi a seguinte: “Por que você permanece na docência”? Duas das professoras afirmaram que permanecem na profissão por “amor” e por gosto pelo que fazem, conforme seus depoimentos:

*Olha eu acho que a gente escolhe uma coisa e não pode desistir porque tem muito empecilhos nos caminhos. A gente está sempre tentando mudar e achando que vai mudar. Eu estou acreditando que esteja mudando. (Entrevistada 1)*

*É porque eu amo mesmo (Entrevistada 2)*

*Porque é o que eu sei fazer e gosto de fazer. (Entrevistada 3)*

De acordo com a fala da entrevistada do 1, um dos motivos para a continuidade na docência resulta da sua crença de que a docência esteja mudando. Ela mesma se apresenta comprometida com esta mudança. O que é um indício de que a professora compreende que a mudança nos contextos depende de cada um e de todos. Com isso, entra o comprometimento com o trabalho e assim o professor percebe que pode estar havendo mudança no seu ambiente escolar, de modo que ele se enxergue como agente desta mudança.

Vale destacar, no entanto, que as transformações só ocorrerão de fato se os esforços se articularem em coletivos, pois segundo Imbernón (2002, p.49):

*o poder de um professor isolado é limitado. Sem o esforço dele jamais se poderá obter a melhoria das escolas; mas os trabalhos individuais são ineficazes se não estão organizados e apoiados.*

Portanto, mesmo diante de tantos fatores negativos ainda há muitos profissionais dedicados ao ensino, pois o professor não deve ter uma visão conformista sobre os aspectos da realidade, mas sim deve lutar para mudar o que está posto.

Seguindo adiante com as respostas das outras duas professoras, elas afirmaram permanecer na docência por amor ou por gostar do que faz na profissão. De acordo com Rios (2001, p.137), ao discutir sobre a tão divulgada “qualidade” do ensino:

A melhor qualidade revela-se na sensibilidade do gesto docente na orientação de sua ação para trazer o prazer e alegria ao contexto de seu trabalho e da relação com os alunos.

Acreditar na mudança e o gosto ou “amor” pela profissão pode favorecer para que o trabalho seja gratificante, ajudando a superar os desafios e estimular a permanência na profissão.

Para reafirmar a relação que as professoras tem com a docência, foi questionado se já houve momentos em que elas já quiseram ou pensaram em desistir da profissão. Duas delas afirmaram que nunca quiseram desistir da docência. O depoimento a seguir é ilustrativo:

*Não, Nunca! (Entrevistada 2)*

Já o depoimento da entrevistada 1, afirma que:

*Apenas quando eu entrei no município, quando eu entrei realmente foi um choque muito grande, eu pensei em desistir. Mas depois eu me apeguei. Quando percebi que eu passei, eu pensei vou encarar e não vou desistir.*

De acordo com a fala da professora, o choque de realidade com relação à docência veio depois que a mesma conheceu o contexto escolar do município, pois ela já atuava em escola privada. Esta resposta nos remete ao sofrimento que enfrentam alguns professores ao se depararem com as condições de trabalho precárias ou as condições da realidade do aluno. Isso pode causar nos profissionais uma crise que pode levar a desistência. Felizmente, assim como a docente aqui retratada, muitos profissionais, ao assumirem seus postos de trabalho na escola, mesmo diante de condições difíceis, reafirmam sua escolha pela docência.

### 2.0.5 A escolha de outra profissão

Ao indagar as entrevistadas sobre a escolha de outra profissão caso elas voltassem no tempo, as três professoras responderam de forma bem direta, afirmando se encontrar apenas na docência e que não conseguiriam fazer outra coisa a não ser ensinar. Portanto, elas afirmaram a perspectiva de continuar na profissão. O depoimento a seguir é ilustrativo:

*No momento meu pensamento é só na docência mesmo, não consigo pensar em outra coisa. (Entrevistada 1)*

Constata-se, portanto, que embora todo docente tenha suas falhas como profissionais, estas indicam uma relação positiva com a profissão, pois mesmo reconhecendo os desafios, não pensam em desistir dela. Pelo contrário, estão a cada dia lutando e acreditando em uma educação melhor.

Importa destacar, portanto, que estas professoras, a partir de suas respostas, demonstram um sentimento de pertença à profissão, uma identificação com o fazer docente. Tal aspecto é evidenciado em seus depoimentos desde os motivos para ingresso na carreira até seu projeto de permanecer na profissão. Isto pode sugerir práticas mais comprometidas, porque são menos afetadas pelo desânimo e mais pela esperança engajada de dias melhores.

## Considerações Finais

O estudo nasceu das curiosidades que surgiram durante a minha jornada escolar no Ensino Fundamental II e Ensino Médio e também a partir da disciplina de Educação e Trabalho estudada no 3º Período do curso de Pedagogia na Universidade Federal da Paraíba-UFPB.

Uma das perguntas formuladas para as professoras foi o motivo pela qual elas permaneciam na docência. As entrevistadas responderam de forma clara de que estão na profissão por “amor” ou gosto pelo que fazem em seu trabalho. Mesmo diante dos vários e constantes desafios, nota-se que as docentes continuam na profissão porque acreditam no seu trabalho e pela mudança que a educação pode passar futuramente.

Percebi que a profissão docente seja ela inicial ou continua, precisa ser consistente, crítica e reflexiva, capaz de fornecer contribuições para o desenvolvimento das capacidades intelectuais do professor, direcionando-o ao seu fazer pedagógico. O professor ao ter domínios no uso das novas tecnologias, consegue trazer para a sala de aula, contribuições para o enriquecimento da aprendizagem do aluno. É certo que, conforme foi respondido pelas entrevistadas, a escola não fornece recursos suficientes para ajudar os docentes nessa contribuição. Com isso, o docente deve ter uma flexibilidade para fazer com que sua aula seja interessante e não monótona.

Portanto, através dos relatos das entrevistadas, que o modo como lidam com as diferenças de aprendizagem e de comportamento é o desenvolvimento de ações direcionadas à inclusão dos alunos dentro no processo de ensino e aprendizagem. As estratégias criadas pelas professoras diante das diferenças em sala de aula, despertam nelas uma disponibilidade de querer estimular os seus alunos, afim de vê-los superar os desafios que surgem durante sua vida estudantil.

Constata-se que as razões que levam à permanência das docentes na profissão é a força de vontade de querer ensinar e ao mesmo tempo aprender. E também o amor, o gosto do fazer docente e a mudança de acreditar que a educação possa mudar. É certo que mesmo enfrentando os desafios, as entrevistadas criam estratégias para conseguir superar, sem se deixar levar pelos fatores que desestimulam o exercício da profissão. É um aspecto positivo olhar e acreditar que as professoras estão na profissão por gostarem do que fazem e também pelo “amor”, embora o amor deva estar presente em todas as

profissões. Com isso, vale ressaltar que segundo Freire (2011), ensinar é uma especificidade humana. O professor deve trabalhar com humanidade, a fim de ensinar aos seus alunos o comprometimento de aproveitar as oportunidades que surgem pelo caminho. Sendo assim, este trabalho trouxe aspectos positivos para a minha carreira docente, tais como: acreditar que ainda existam docentes dedicados com o trabalho; ter um olhar diferente com a docência e acreditar ainda mais na educação.

Como sugestão para aprofundamento de temas, acredito que o tema da docência, enfocando como os professores trabalham com as diferenças em sala de aula precisa de mais aprofundamentos, assim como investigar sobre a docência e o uso das tecnologias na sala de aula.

Concluo que para melhorar as condições de trabalho do professor, a escola deve empenhar-se, juntamente com os docentes, para mudar o quadro de precarização das aulas, em face da ausência de recursos; e contribuir para que o professor esteja preparado para enfrentar os desafios do seu trabalho.

## Referências

- Atenção à diversidade**\ Rosa Alcudia...[et al.]; trad. Daisy Vaz de Moraes.- Porto Alegre: Artmed, 2002. Pag 91
- ABREU, Maria C. & MASETTO, M. T. **O professor universitário em aula**. São Paulo: MG Editores Associados, 1990.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas**. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro, 2011
- Docência como profissão:** condições de trabalho e precarização, FURTADO & BARBOSA. Publicado 2011. Apud BIANCHETTI, Lucídio. Angústia no vestibular: indicações para pais e professores. Passo Fundo, RS: Ediupf, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional:** formar-se para a mudança e a incerteza/3. ed. São Paulo, Cortez, 2002.
- LIBÂNEO, J.C. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente\ 4. ed.- São Paulo: Cortez, 2000.
- Maria Auxiliadora M.; FIDALGO, Nara Luciene Rocha (Org.). **A Intensificação do Trabalho Docente:** tecnologias e produtividade. Campinas: Papirus, 2009.
- MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social:** teoria método e criatividade. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- MORAN, José Manuel. **Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias**. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 4, n. 12, p.13-21, Mai/Ago 2004. Quadrimestral.
- PIMENTA, G.S. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- RIOS, T.A. **Compreender e ensinar:** por uma docência de qualidade. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- RIBEIRO, Elisa Antônia. **A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa**. Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais, Araxá/MG, n. 04, p.129-148, maio de 2008.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

# APÊNDICE

Dados de Identificação:

Quantos anos de Profissão?

São efetivos ou não?

Quantos turnos você trabalha?

Qual a sua formação?

Roteiro de entrevista:

- 1) O que é docência para você?
- 2) O que lhe fez escolher a docência como profissão?
- 3) Quais os principais desafios que você enfrenta na docência?
- 4) Você percebe diferenças entre seus alunos? Se sim, quais?
- 5) Como você lida com as diferenças encontradas em sala de aula?
- 6) O que você faz com alunos que tem dificuldade de aprendizagem?
- 7) Você utiliza novas tecnologias na suas aulas? Se sim, quais? Se não, por que?
- 8) Por que você permanece na docência?
- 9) Você já pensou em desistir da profissão? Por que?
- 10) Se você pudesse voltar no tempo, qual profissão você escolheria?